



O radioevangelismo pentecostal no Brasil: uma herança estadunidense¹

Cláudia FIGUEIREDO-MODESTO²

Evandro José Medeiros LAIA³

UNIPAC, Juiz de Fora, MG

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais

RESUMO

Influenciado por pastores americanos, o modelo radiofônico empregado nos programas de rádio dos pentecostais no Brasil é carregado de testemunhos, pregações, orações e músicas gospel. As emissoras com maior recurso financeiro, principalmente as neopentecostais, investem em melodramas interpretados por radioatores e radioatrizes de seus departamentos artísticos para sensibilizar e atrair fieis. Esses grupos perceberam no rádio o mais poderoso meio para recrutar rapidamente elevado número de adeptos. Através deste artigo, será possível entender como o movimento pentecostal, com origem nos Estados Unidos, chegou ao Brasil, transformando os campos da religião e da mídia brasileiras. Hoje, os grupos pentecostais são detentores de grande parte dos veículos de comunicação no Brasil, com significativos avanços também no exterior.

PALAVRAS-CHAVE: pentecostais; rádio; melodrama.

Introdução

Considerado um dos fenômenos religiosos mais importantes do século passado, o pentecostalismo⁴ teve sua origem no início do século XX, nos Estados Unidos e vem crescendo em vários continentes do mundo, sobretudo na América Latina, onde a maior parte dos protestantes⁵ é formada por brasileiros⁶.

¹ Trabalho apresentado no IV Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Professora do Curso de Comunicação Social da UNIPAC, mestranda em Comunicação e Sociedade no PPGCom da FACOM-UFJF, email: figueiredo.claudia@hotmail.com

³ Mestrando em Comunicação e Sociedade no PPGCom da FACOM-UFJF, email: medeiroslaia@yahoo.com.br

⁴ Movimento religioso, herdeiro do protestantismo, que coloca ênfase especial em uma experiência direta e pessoal de Deus. Os integrantes do movimento pentecostal creem que o Espírito Santo continua a se manifestar nos dias de hoje, da mesma forma que em Pentecostes, na narrativa do Novo Testamento. Nessa passagem, o Espírito Santo manifestou-se aos apóstolos por meio de línguas de fogo e fez com que eles pudessem falar em outros idiomas para serem entendidos pela multidão heterogênea que os ouvia. O pentecostalismo distingue-se do protestantismo histórico por pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos, e por defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênçãos e a realização de milagres.

⁵ Basicamente são três as ramificações que se apresenta no meio Protestante: tradicional, pentecostal e neopentecostal. As tradicionais, também chamadas igrejas históricas tiveram origem no início da Reforma Protestante ou bem próximo dela. São representadas pelas Igrejas: Luterana (fundada por Martinho Lutero, no século XVI), Presbiteriana (fundada por João Calvino, no século XVI), Anglicana (fundada pelo rei da Inglaterra Henrique VIII, no



A partir das duas últimas décadas do século passado, importantes transformações foram registradas no campo da religião no Brasil, apontadas por alguns autores, como Mariano (2004), Novaes (2004), Sanchis (2007), Carreiro (2007) e Campos (2008), com base nos recenseamentos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados revelam uma aceleração na baixa de católicos e o crescimento do número de evangélicos, intensificada nas décadas de 1980 e 1990, especialmente entre o segmento da religião evangélica não pentecostal (também conhecida como neopentecostal).

A história e as características do pentecostalismo no Brasil têm sido objeto de estudo de vários pesquisadores. Paul Freston (1994) observa que a história desse movimento pode ser dividida em três “ondas” de implantação de igrejas. A primeira onda iniciou-se na década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã no Brasil (1910) e da Assembléia de Deus (1911).

A Congregação Cristã foi fundada pelo italiano Luigi Francescon (1866-1964), que emigrou para os Estados Unidos, converteu-se ao evangelho, tornou-se um dos fundadores da Igreja Presbiteriana Italiana, em Chicago, lançando-se mais tarde ao iniciante movimento pentecostal. Francescon chegou ao Brasil em 1910, atendendo a uma profecia que afirmava ser preciso levar a obra pentecostal aos seus patrícios. Ele iniciou suas atividades entre imigrantes italianos residentes em São Paulo e Santo Antônio da Platina, no Paraná.

Já a Assembléia de Deus brasileira resultou dos esforços de dois suecos de origem batista, Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1885-1963), que igualmente emigraram para os Estados Unidos e tomaram conhecimento do movimento pentecostal na cidade de Chicago. No Brasil, fixaram residência em Belém do Pará, onde passaram a frequentar a igreja batista, cujo pastor também era de nacionalidade

século XVI, e que, em 2009, recebe do Papa Bento XVI um convite para que seus seguidores conservadores possam ser admitidos na Igreja Católica), Batista (fundada por John Smith e Thomas Helwys, no século XVII) e a Metodista (fundada por John Wesley, no século XVIII). As principais igrejas pentecostais são: Assembléia de Deus; Congregação Cristã no Brasil; Igreja do Evangelho Quadrangular; O Brasil para Cristo; Deus é Amor. Os neopentecostais são igrejas oriundas do pentecostalismo original ou mesmo das igrejas tradicionais. Surgiram 60 anos após o movimento pentecostal. No Brasil as principais igrejas que representam os neopentecostais são: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja da Graça, Sara Nossa Terra, Renascer em Cristo.

⁶ Levantamento mundial do instituto americano World Christian Database indica que o país reúne 24 milhões de seguidores de igrejas como a Universal do Reino de Deus, a Assembléia de Deus e a Renascer em Cristo. Folha de São Paulo, 29 janeiro 2007.



sueca. Alguns meses mais tarde, a mensagem pentecostal de Vingren e Berg produziu uma ruptura na igreja, surgindo assim o primeiro grupo da Assembléia de Deus.

Ainda segundo Freston (*idem*), essas igrejas dominaram o campo pentecostal durante 40 anos, pois as suas rivais eram poucas e inexpressivas. Das duas pioneiras, a Congregação Cristã no Brasil, após um período em que ficou mais limitada à comunidade italiana, sentiu a necessidade de assegurar a sua sobrevivência por meio do trabalho entre os brasileiros. Após um rápido crescimento inicial, foi ultrapassada pela Assembléia de Deus no final dos anos 40. Portanto, a Assembléia de Deus foi a que mais se expandiu numérica e geograficamente, a ponto de ser praticamente a única expressão do protestantismo em alguns estados do norte.

A segunda onda pentecostal ocorreu na década de 50 e início dos anos 60, quando surgiram, entre muitos outros, três grandes grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962). Tais denominações passaram a atribuir grande ênfase à cura divina e aos milagres.

A Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada nos Estados Unidos pela evangelista Aimee Semple McPherson (1890-1944) e chegou ao Brasil através do missionário Harold Williams, um ex-ator de filmes de faroeste, que fundou a primeira igreja em novembro de 1951, em São João da Boa Vista, São Paulo. Em 1953, deu início à Cruzada Nacional de Evangelização, com o pastor americano Raymond Boatright, velho amigo de Williams como o principal evangelista. Desde então a Igreja Quadrangular tem crescido constantemente, com grande abertura à participação feminina no ministério. Segundo números da própria igreja, saltaram de 1,5 milhão de fiéis em 1997, para 2,5 milhões em 2010.

Na história das igrejas pentecostais brasileiras é comum a dissidência de pastores para fundarem a própria igreja. Um dos primeiros pastores da Igreja Quadrangular brasileira foi um ex-evangelista da Assembléia de Deus chamado Manoel de Mello. Em 1956, ele desligou-se da Cruzada Nacional de Evangelização, organizando a campanha “O Brasil Para Cristo”, que resultou na criação de uma igreja com o mesmo nome. Em 1979, a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo inaugurou um gigantesco templo em São Paulo, sendo orador oficial Philip Potter, secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), do qual foi filiado até 1986.



Outra importante denominação da segunda onda pentecostal, a Igreja Deus é Amor, foi fundada por David Miranda (nascido em 1936), filho de um agricultor do Paraná. Mudou-se para São Paulo ainda jovem e converteu-se ao pentecostalismo. Em 1962 iniciou a sua igreja em Vila Maria. Pouco depois, a igreja transferiu-se para o centro da cidade e em 1979 foi adquirida a “sede mundial” da Baixada do Glicério, um dos maiores templos evangélicos do Brasil, com capacidade para dez mil pessoas. Em janeiro de 2004 foi inaugurada a nova sede mundial chamada de O Templo da Glória de Deus, comportando aproximadamente 200 mil pessoas em uma área de quase 80 mil metros quadrados.

A terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e ganhou força na década de 80. A Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Renascer em Cristo e Comunidade Sara Nossa Terra representam esta etapa. Para Freston, a onda começou e se firmou no Rio de Janeiro economicamente decadente, com sua violência, máfias de jogo e política populista. O novo pentecostalismo (neopentecostalismo) adaptou-se facilmente à cultura urbana influenciada pela mídia. “Uma das características do movimento é o uso inteligente dos meios de comunicação de massa, nacionalizando um pentecostalismo bem-sucedido nos Estados Unidos” (CAMPOS, 1996, p. 84)

A renovação carismática norte-americana surgida no início dos anos 1960 teve uma influência significativa no aparecimento do movimento neopentecostal como um todo. No Brasil, a chamada “renovação” produziu divisões em quase todas as igrejas históricas.

Ao lado das manifestações espirituais extraordinárias como glossolalia⁷, curas, profecias e exorcismo, os carismáticos e neopentecostais brasileiros caracterizam-se por uma forte ênfase na “teologia da prosperidade”⁸. O pioneiro desse movimento foi o estadunidense Essek. M Kenyon, enquanto o maior divulgador foi Kenneth Hagin, que influenciou a muitos pregadores nos Estados Unidos que ganharam reconhecimento mundial, como Kenneth Copeland, Benny Hinn, David (Paul) Yonggi Cho, entre outros.

⁷ Fenômeno de psiquiatria e de estudos da linguagem, em geral ligado a situações de fervor religioso, em que o indivíduo crê expressar-se em uma língua por ele desconhecida, em geral inexistente, mas por ele tida como de origem divina; entretanto essas falas são caracterizadas pela repetição da cadeia sonora, sem qualquer significado sistemático e, ainda, com raras unidades linguísticas previsíveis, sendo o falante incapaz de repetir qualquer dos enunciados já pronunciados.

⁸ Movimento religioso surgido nas primeiras décadas do Século XX nos Estados Unidos da América, cuja doutrina afirma, a partir da interpretação de alguns textos bíblicos como Gênesis 17.7, Marcos 11.23-24 e Lucas 11.9-10, que os que são verdadeiramente fieis a Deus devem desfrutar de uma excelente situação na área financeira, na saúde, etc.



Ao longo dos anos essa doutrina foi abraçada principalmente por igrejas neopentecostais, entre elas, principalmente, a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Marcedo; a Igreja Internacional da Graça de Deus, do Missionário R.R. Soares (que é cunhado de Edir Macedo); a Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada pelo Apóstolo Waldemiro Santiago, também dissidente da Igreja Universal; a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, fundada pelo casal Estevam e Sônia Hernandes, além da Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, de Valnice Milhomens.

Evangelismo Midiático

Há um consenso que, ainda, é através do rádio que os evangélicos se inserem na comunicação de massa do Brasil⁹. Para inúmeros ouvintes, analfabetos ou não, o rádio se constitui, muitas vezes, no único canal de informação, de conhecimento e de ligação mais ampla com universos distanciados de sua realidade social. “Desde o seu início, o veículo serviu de expressão às diferentes manifestações culturais, principalmente através da música, do esporte e da informação. Mas, possibilitou também outros usos, como o político, e mais recentemente, o religioso” (HAUSSEN, 2004, p. 27). Na mídia eletrônica, há um verdadeiro império evangélico país afora. “Existem mais de 300 emissoras de rádio evangélicas no Brasil. (...) O rádio e a TV servem ainda de canal para a transmissão de modelos culturais e de comportamento” (Edward, 2002, p.89).

A relação dos evangélicos e mídia recai sobre a ênfase da influência dos veículos de comunicação em relação ao crescimento deste grupo. O verbete “Rádio” do Dicionário do Movimento Pentecostal demonstra que as experiências dos pentecostais com a radiodifusão tiveram início nos Estados Unidos, quando, desde 1920 os pastores daquele país transmitiam suas mensagens a partir de estações locais. No Brasil, apesar dos primeiros registros de programas evangélicos no rádio datarem de 1940 (SANTANA, 2005), somente nas duas últimas décadas do século XX detectou-se um crescimento acentuado do evangelismo no Brasil.

O rádio no Brasil, por conta de suas dimensões territoriais, cumpre um importante papel na área de comunicação, e os grupos evangélicos não tardaram a

⁹ Ver Fonseca (1990), Vattimo (1996), Budke (2005), Santana (2005), Revista Veja (2002).



reconhecer as potencialidades desse meio de comunicação e a partir de 1940 iniciaram suas primeiras experiências no rádio.

A partir de 1940 surgiram no Brasil os primeiros programas evangélicos no rádio e as denominações pioneiras foram a Igreja Adventista, a primeira a alcançar o rádio a nível nacional, e algumas pentecostais como a Assembléia de Deus, a Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil Para Cristo e a Igreja Deus é Amor. O modelo desses programas nos primeiros anos era norte-americano, e posteriormente, passaram a ser idealizados por brasileiros. (SANTANA, 2005, p. 56)

Conforme Mariano (2008) o evangelismo midiático em rádio e tevê constitui o mais poderoso meio para atrair e recrutar rapidamente elevado número de adeptos. No entanto, mesmo com a chegada da televisão no Brasil na década de 1950 o rádio continuou sendo o veículo preferido dos evangélicos para a propagação de suas mensagens. Para o sociólogo são pelo menos três as razões para a predileção: “o menor preço de locação ou de compra das emissoras, seu baixo custo de manutenção e sua elevada audiência entre os estratos mais pobres da população.” (MARIANO, 2008, p. 76).

Alexandre Fonseca (1997, p. 76) lembra que “a televisão é um meio de comunicação que exige maior investimento financeiro e ainda assim não tem o mesmo poder de inserção das mensagens proselitista que o rádio”.

A evangelização nos Estados Unidos é feita por meio de literaturas, programas de tevê, rádio e internet. A comunicação pentecostal brasileira, em especial a do grupo neopentecostal, apresenta características diferenciadas do chamado Televangelismo e Radioevangelismo norte-americano. Aqui, esses grupos fazem uso do rádio e da TV para espalhar sua mensagem religiosa com o objetivo de aumentar o número de fiéis, ou seja, através dos programas de rádio e TV invocam os ouvintes/telespectadores para frequentar os cultos de suas igrejas.

Evangélicos no rádio

Nos Estados Unidos, a utilização do rádio para transmissão religiosa, acompanha a própria história do veículo. A primeira estação de rádio americana, a PKDK-A iniciou suas atividades em 2 de novembro de 1920, na cidade de Pittsburgh, Pensilvânia. Nos primeiros meses, já realizava transmissões religiosas da Calvary



Episcopal Church. A National Presbyterian Church, de Washington, criou a primeira emissora ligada totalmente a uma igreja no ano de 1923. A fundadora da International Church of the Four-Square (no Brasil, Igreja do Evangelho Quadrangular), Aimee McPherson, utilizava o rádio para sua mensagem pentecostal, e em 1924 colocou no ar a KFSG, transmitindo diretamente do grande Angelus Temple, de Los Angeles. Em 1925 a igreja Assembléia de Deus inaugurou a KGTT, em San Francisco. No final de 1925 havia 600 emissoras em operação nos Estados Unidos, sendo 63 ligadas diretamente às igrejas.

No Brasil, diferentemente dos protestantes americanos, os evangélicos só passaram a utilizar o rádio 20 anos depois de seu surgimento. Em 23 de setembro de 1943, entra no ar o programa “A Voz da Profecia”, com meia hora de duração, produzido pela Associação Geral da Igreja Adventista, com sede nos Estados Unidos e transmitido para 17 cidades brasileiras. Gravado em Los Angeles, o programa era exportado para o Brasil na voz do pastor brasileiro Roberto Rabello que morava nos Estados Unidos. Atualmente, a Igreja Adventista tem registrado em nome de suas fundações, 21 emissoras.

Em 1947, o missionário da Igreja Assembléia de Deus, o americano Lawrence Olson, iniciava em Lavras, Minas Gerais, o primeiro programa da comunidade pentecostal. Entretanto, as igrejas pentecostais, até os anos 50, não tinham um espaço significativo no rádio brasileiro, certamente porque se reconhecia no rádio “um extraordinário instrumento de evangelização, mas também seu poder na propagação de mensagens e músicas ‘mundanas’, além da inclinação à substituição das pregações tradicionais realizadas nos templos pelas pregações no rádio” (FONSECA, A.D., 2009, p. 2742 – 2743).

O Bispo Robert McAlister, um missionário canadense de tradição Pentecostal, fundador da Igreja de Nova Vida, no Rio de Janeiro, iniciou, na década de 60, o programa A Voz da Nova Vida, que convidava os ouvintes para assistir palestras/pregações que ele próprio realizava no auditório alugado da sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI)¹⁰. Ele é o responsável por introduzir o modelo de programas radiofônicos adotado pelos neopentecostais na contemporaneidade. Edir

¹⁰ O auditório foi utilizado até 1971, quando foi inaugurada a sede da Igreja de Nova Vida.



Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), foi um dos primeiros convertidos.

Na década de 1950 os pentecostais intensificaram as transmissões de suas mensagens através do rádio. Começaram comprando espaços noturnos em emissoras que estavam em processo de decadência. Através de seus missionários americanos, a Igreja do Evangelho Quadrangular deu início às pregações radiofônicas de cura divina em 1951.

Entretanto, nesta época, quem investiu pesadamente em radiodifusão foi Manoel de Mello que em 1955 iniciou o Programa “A Voz do Brasil Para Cristo”, na Rádio América e logo em seguida passou a fazê-lo na Rádio Tupi de São Paulo. O programa era levado ao ar das 6h30 às 6h45 da manhã. Foi este um dos casos de um programa radiofônico que precedeu a criação de uma igreja, pois, em 1956, Manoel de Mello inaugura a igreja O Brasil Para Cristo. (FAJARDO, 2009, p. 3)

Manoel de Melo se manteve com seu programa na rádio Tupi até a sua falência no início da década de 80.

Para Fajardo (idem) “a interação do locutor com o ouvinte era para realizar uma ligação espiritual capaz de produzir milagres vias ondas do rádio, prática esta considerada normal pelos pregadores pentecostais de cura divina”.

Fundada por Davi Miranda, em 1961, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, chegou a empregar as mesmas técnicas de Manoel de Mello.

Atualmente a Igreja Deus é Amor é a que mais investe em rádio, isto se dá pelo fato de toda a renda da igreja ser investida no rádio, e não em compra de terrenos para erguer templos próprios. Os cultos são realizados em salões alugados pela igreja. A programação na TV é abominada pela liderança que proíbe seus membros de adquirir aparelhos e assistir televisão. Um dos seus poucos templos próprios, é a sua sede mundial na Avenida do Estado, em São Paulo, uma antiga fábrica que foi adquirida pela igreja. É de lá, onde está instalado o estúdio C, que é gerada a programação radiofônica que é liderada por Miranda. O programa A Voz da Libertação está no ar há quase 50 anos, ecoando em 1991, 581 horas diárias através de 20 emissoras próprias e centenas de emissoras arrendadas para transmitir a programação via satélite para o Brasil e a América Latina. A igreja transmite em testemunhos, orações e pregações em português e espanhol. (FAJARDO, 2009, p. 4)

Os programas da Igreja Deus é Amor seguem um mesmo padrão. O programa segue o estilo dos próprios cultos, onde a maior parte do tempo é ocupado por



testemunhos, pregações e orações, tendo a música, pouco espaço na liturgia dos cultos da Deus é Amor.

Fiscais são mantidos pela igreja para acompanhar cada programação regional que tem que seguir o padrão central: 40% do programa e voltado para testemunhos de pessoas que receberam alguma cura, sempre frisando que o milagre aconteceu nos templos da Igreja Deus é Amor, 30% da programação é realizada com orações e pregações, e os 30% restantes são completados por músicas da gravadora Reviver, de propriedade da própria igreja. (idem)

Novos tipos de igrejas pentecostais, surgidas a partir da década de 70 foram as que utilizaram o rádio de forma mais profissional e com olhar empresarial. O maior representante deste movimento é a Igreja Universal do Reino de Deus. Desde o princípio, Macedo adotou a evangelização eletrônica como carro-chefe de sua estratégia proselitista. Primeiro adquiriu popularidade como apresentador de um programa religioso na Rádio Metropolitana, depois passou a alugar e comprar emissoras de rádio e TV em todo o Brasil e até no exterior. Hoje, a IURD possui, segundo a Carta Capital¹¹, 63 emissoras de rádio, sendo 21 de sua propriedade e 23 emissoras de TV, entre elas a TV Record.

Para não perder espaço na corrida por membros, a Igreja Renascer em Cristo, em 1993, arrendou a Rádio Nacional AM e entrou com uma programação voltada para o público jovem e com transmissão ao vivo direto da sede da igreja no bairro do Cambuci. A emissora começou a ser chamada de Nacional Gospel. Os programas da Renascer são levados ao ar, enfatizando a música. Como na igreja, os ritmos vão desde pagode, até o rock pesado passando por pop e o reggae. (FAJARDO, 2009, p. 6)

Muito embora, as igrejas pentecostais clássicas (Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil) tenham se oposto ao uso do rádio para fins de evangelização, a partir da década de 60 novas igrejas pentecostais passam a investir de forma maciça no uso do rádio com o objetivo de propagar sua fé religiosa.

O melodrama nos programas de rádio neopentecostais

Etimologicamente a palavra melodrama é formada pelos termos “melos” (grego), que significa som, e “drame” (latim antigo), que significa drama. No início era apenas a Tragédia, que nasceu dos rituais báquicos em honra ao deus Dionísio, na Grécia Antiga. A Comédia surge no caminho, formando o segundo pilar da dramaturgia

¹¹ Dados de 06 de março de 2002.



ocidental, como indicado nas máscaras que comumente representam a arte teatral. Para Aristóteles, a Tragédia, imitava a ação de caráter elevado, recheado de ornamentos, “suscitando a compaixão o terror”, tendo “por efeito obter a purgação dessas emoções” (ARISTÓTELES, 2003, p.248) O destino do herói trágico é inexorável, não há escolha senão sofrer para expiação de seu pecado, sua falha trágica. Já a Comédia enfatiza os defeitos, é a “imitação dos maus costumes, não contudo de toda sorte de vícios, mas só daquela parte do ignominioso que é o ridículo” (ARISTÓTELES, 2003, p.246). O processo de identificação do espectador não é com ele mesmo, mas sempre com o outro, apontando os defeitos e colocando uma lente de aumento sobre eles.

Os subgêneros teatrais surgem posteriormente, com a complexificação das relações sociais e a necessidade de novas formas de comunicação com o público. As principais delas são a farsa, a tragicomédia e o drama, que tem como um de seus desenvolvimentos o melodrama, surgido no século XVIII, no seio da Revolução Francesa. (BURLA, 2004, p.95). O surgimento e o desenvolvimento do melodrama ocorrem dentro de um contexto de profundas e radicais transformações da sociedade francesa. A teatralidade exagerada e os efeitos espetaculares empregados na cena deste subgênero acabam avalizando a ordem burguesa estabelecida.

A clareza da linguagem, da estrutura e do desenho do caráter das personagens no melodrama, divididas entre boas e más, facilita a sintonia da platéia com a ação no palco. Avesso à ambigüidades, torneio de estilos e citações que exigem um repertório mais apropriado à corte e aos salões, o melodrama é facilmente entendível, independentemente do nível cultural do espectador, pertença este à elite, à burguesia emergente ou faça parte dos soldados, trabalhadores e empregados que compunham o público presente aos espetáculos das feiras ao ar livre, muitos deles analfabetos ou semi-alfabetizados, e que encontravam no entretenimento fácil desse tipo de teatro, ou no *vaudeville* e na pantomima, sua única referência cultural e literária. (SILVA, 2005 p.48)

A estrutura do melodrama é simples, segundo Silva (2005, p.50): num plano, opõe personagens de valores opostos e num outro alterna momento de desolação e desespero com serenidade e euforia, fazendo esta troca com velocidade. E esta estrutura atravessou mudanças tecnológicas e se adaptou às novas formas de comunicação surgidas a partir de sua gênese: do teatro migrou para os folhetins, alguns encartados em jornais. Com a chegada do cinema, no início do século XX, ganhou as telas,



principalmente a partir do modelo de narrativa da indústria de entretenimento norte-americana. Xavier (2004, p.64-65) considera o melodrama teatral dos séculos XVIII e XIX o precursor da narrativa cinematográfica hollywoodiana. Segundo ele,

(...) um século de teatro popular desemboca no cinema, mobilizando o mesmo tipo de público, trazendo os mesmos atrativos e as mesmas histórias, trabalhadas com os mesmos critérios dramáticos, agora apoiados em nova técnica. (...) Antes do cinema, o melodrama e a pantomima já exibiam, seus ‘truques’, suas magias, seus efeitos espetaculares, de modo a criar toda uma tradição ao longo do século XIX, um sistema de expectativas quanto ao teor ilusionista do espetáculo que o cinema veio, a seu modo, preencher.

Para ele, a combinação de sentimentalismo e prazer visual tem garantido ao melodrama dois séculos de hegemonia na esfera dos espetáculos, do teatro popular do século XIX, já orgulhoso de seus efeitos especiais, ao cinema que conhecemos (XAVIER, 2004, p.89). O rádio também não escapou à regra e inaugurou o modelo de narrativa seriada que posteriormente seria praticada na televisão, na segunda metade do século XX, continuando confirmando a ordem burguesa estabelecida quase dois séculos antes, na telenovela, estudada por alguns como convergência de valores morais da sociedade.

Influenciados por pastores americanos, o modelo radiofônico empregado nos programas de rádio dos pentecostais no Brasil é carregado de testemunhos, pregações, orações e músicas gospel. As emissoras com maior recurso financeiro, principalmente as neopentecostais, investem em melodramas interpretados por radioatores e radioatrizes de seus departamentos artísticos para sensibilizar e atrair fieis. São histórias cotidianas dramatizadas que incitam a imaginação do público. Os efeitos sonoros especiais produzidos, o timbre de voz, a interpretação dos artistas constroem um imaginário próprio, aos moldes do melodrama. Mais que qualquer outro elemento, é o melodrama que vem conduzindo o nível de identificação entre ouvinte e personagens das dramatizações.

A idéia de Melodrama, tal como utilizada pela mídia neopentecostal, está vinculada ao uso de códigos de uma determinada narrativa que inscrevem um diálogo com o público na ordem da identificação sentimental, pois está relacionado com temas caros ao universo da vida privada, como o mundo das paixões ou das drogas; relações intrafamiliar; tragédias pessoais; doenças; desemprego. Neste universo, empregam um



diálogo dramático na luta do bem contra o mal, de Deus contra o Diabo, onde a música sublinha, comenta ou antecipa a ação. No rádio neopentecostal o melodrama se fixa a partir de uma estética lacrimosa, da emoção e da sensação de suspense e medo dando a entender que só se está protegido dentro das paredes invisíveis da fé pregada pelas denominações. Para solidificar este discurso, dão publicidade à testemunhos de cura e libertação de todos os males mundanos, atribuindo cada qual à sua igreja os votos do milagre experimentado. É comum, inclusive, ouvir depoimentos de cura total da AIDS através do exercício da fé.

Com o melodrama veiculado no rádio neopentecostal é possível transportar o dia-a-dia das pessoas para dentro do veículo, possibilitando que o fiel se identifique e se projete.

A identificação se dá através das características, tanto afetivas quanto físicas, presentes nas personagens que o público leva à sua própria vida. A projeção ocorre mediante aquelas ações menos possíveis de serem realizadas socialmente. Ao se projetarem, os indivíduos aliviam as tensões diante de uma história narrada pela indústria cultural (MORIN, 1981, p.78).

O processo de identificação ocorre quando o ouvinte assume o ponto de vista da pessoa ou da personagem, tomando-o para si como um reflexo de sua situação de vida. Já a projeção acontece quando o ouvinte projeta seus sentimentos sobre o sujeito ou personagem. Esses processos de identificação e de transferência referem-se a níveis muitas vezes inconscientes do ouvinte. Dentre tantos personagens, com tão diversos contextos e características, alguma coisa acaba enredando e provocando a identificação. Qualquer que seja a personagem, o processo de identificação tende a ocorrer.

Não seria diferente com os casos “reais”, contados dramaticamente pelos pastores, com o uso de técnicas bem próximas à operação melodramática das radionovelas, inclusive com a polarização do mundo entre o bem e o mal, neste caso entre Deus e o Diabo. Tudo isso cria o que o que Jesús Martin-Barbero (1997) chama de “drama do reconhecimento”, um dos artifícios do melodrama, que ele considera uma forma de recuperação da memória popular por meio do imaginário criado pela indústria da cultura na América Latina. Para ele, “não existe acesso à memória histórica sem projeção possível sobre o futuro que não passe pelo imaginário.” (1997, p.304). Para Martin-Barbero, o melodrama é também mediação cultural, um processo importante para definição das identidades.



Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BUDKE, Sidnei. **Mídia e Religião: Das peregrinações ao universo das telecomunicações**. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia Volume 08, set.-dez. de 2005.

BURLA, Gustavo. **O mapa da cena**. Juiz de Fora: Funalfa, 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximações e Conflitos, em **Na Força do Espírito: Os Pentecostais na América Latina – Um Desafio às Igrejas Históricas**. São Paulo: Pendão Real, 1996.

CARREIRO, Gamaliel da Silva. **Análise sócio-desenvolvimental do crescimento do crescimento evangélico no Brasil**. Tese de Doutorado. UnB, 2007.

EDWARD, José. **Revista Veja** nº 1758, de 03 de julho de 2002.

FAJARDO, Alexander e Maxwell. **Pentecostais, rádio e política**. 2009. Disponível em <<http://www2.metodista.br/unesco>> Acesso em 01 de julho de 2010.

FONSECA, Alexandre Brasil. **Mídia, religião e política: a evangelização da campanha presidencial**. p. 186 – 206. In: Logos: comunicação e universidade. - Vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social, 1990.

_____. **Evangélicos e mídia no Brasil**. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado em sociologia. IFCS-UFRJ. 1997.

FONSECA, André Dionei. **É lícito pregarmos o evangelho pelo rádio?: os debates sobre o radioevangelismo nas convenções gerais das Assembleias de Deus no Brasil**. Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional de História, Maringá – Paraná, de 09 a 11 de setembro de 2009.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Em: Alberto Antoniazzi e outros. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, p. 70-71, 1994.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. **A construção da identidade nacional e as identidades regionais no rádio brasileiro (o caso gaúcho)**. Conferência proferida na Sessão Plenária inaugural do VI Lusocom, em 21 de abril de 2004, subordinada ao tema “Comunicação e Identidades”. Disponível em <<http://www.livroslabcom.ubi.pt>> Acesso em 14/11/2009.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.



MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal.** *Estud. av.* [online]. 2004, vol.18, n.52, pp. 121-138.

_____. **Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos.** *Rever.* v. 8, dez, p. 68 – 95, 2008.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - 1,** Neurose. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1981.5ª edição.

NOVAES, Regina. **Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares.** *Estudos Avançados*, 18 (52), 2004.

SANCHIS, Pierre. 1997. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In **Globalização e Religião**, ed. Ari Pedro Oro e Carlos Alberto Steil, 103-16. Petrópolis: Vozes.

SANTANA, Luther King de Andrade. **Religião e Mercado: a mídia empresarial-religiosa.** *Rever*, v. 1, n. 1, p. 54-67, 2005.

SILVA, Flávio Luiz Porto e. Melodrama, folhetim e telenovela: anotações para um estudo comparativo. In: **Revista da Faculdade de Comunicação da Faap**, número 15, 2º sem 2005. Disponível em:
<http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_15/_flavio_porto.pdf>.
Download em: 07 abr 2010.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade.** SP: Martins Fontes, 1996.

Veja. **A força do Senhor.** Nº 1758 - 3 de julho de 2002 – p.95.

XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena – Melodrama, Hollywood, Cinema Novo,** Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac e Naiyf, 2003.